

ed.

06

jan/2022

umbandainiciatica.com.br



O.I.T.C.

Ordem Iniciática do Tríptico Caminho
Templo do Caboclo Sete Ondas



**O TEMPLO FALA
AO DISCÍPULO - PT.5**

**ARQUÉTIPO,
MITO E SÍMBOLO**

**ERVAS NA UMBANDA
- ARRUDA**

**UNIVERSO DA ENERGIA
- PT.2**

**KABALA E A
DOCTRINA TÂNTRICA**

**A VIVÊNCIA CONSCIENCIAL
PLENA DO ABSOLUTO**



UMBANDA INICIÁTICA A Revista

EDITORIA

Direção Geral: Mestre Ygbere
(Olavo Solera).

Supervisão: Mestra Obaocitala
(Jociane Negrão).

Editor: Arapuan (Wilins Siqueira).

Redação: Kaananty (Guilherme Pontes) e
Arapuan (Wilins Siqueira).

Direção de Arte: Ytaocam (Bruno Ciaco).

Coordenação de TI: Yabatsara
(Gustavo Vieira).

Membros da OITC: Mestre Ygbere
(Olavo Solera), Mestra Obaocitala
(Jociane Negrão), Ytaocam (Bruno),
Arapuan (Wilins), Yacileda (Rachel),
Yabiritan (Fabio), Yashinario (Karen),
Kaananty (Guilherme Pontes), Tashinara
(Thiago), Yanaraty (Roberta), Obiatan
(Damião), Uaratanan Neto), Yabataiara
(Robson), Yanahash (Julia), Yaraloni
(André), Yamará (Rafael), Yacyodhara
(Eloci), Yabatsara (Gustavo), Oryanen
(Cintia), Yaboyaledé (Lize), Yaratobi
(Marcelo), Aryabhava (Silvana).

Ordem Iniciática do Tríplice Caminho
(OITC) - Templo do Sr. das 7 Ondas
Rua Latif Fakhouri, 298 –
Vila Santa Catarina
CEP 04.367-010. São Paulo – SP
Telefones: +55 (11) 98110-0619
Brasília: +55 (61) 99824-8504



Ygbere (Olavo Solera)
Mestre-Raiz da O.I.T.C
Templo do Sr. das 7 Ondas

O TEMPLO FALA AO DISCÍPULO

Pt. 5 - por Mestre Ygbere

(Olavo Solera)

O tempo corria e as oportunidades em apreender surgiam diuturnamente, os ensinamentos do mestre eram providenciais em minha caminhada na Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino. As vivências iniciáticas e mediúnicas possibilitavam o entendimento das mazelas humanas e das verdades do espírito.

Transcorria o ano de 1983, e meu mestre chamou-me e disse que receberia a minha Cruz iniciática em data por ele a ser marcada. Quando chegou perto do final de fevereiro, ele marcou o rito para o dia 23/04/1983, mas sempre dizendo que ainda tinha dúvidas pois eu tinha pouca idade e que ele estaria analisando até a data firmada...

Naquela época eu já atendia nos ritos públicos com as entidades que até hoje me acobertam, mas especificamente em uma daquelas noites, incorporado do Caboclo 7 Ondas, tive a benção de poder ouvir o Caboclo em uma de suas consultas.

Passava por ele um casal de jovens, a menina tinha por volta de dezesseis anos e o rapaz beirava os dezoito para dezenove anos, chegaram perto do Caboclo muito nervosos e até trêmulos. O seu 7 Ondas pediu que eles retirassem as alianças que usavam e mostrou a eles que as mesmas encaixavam perfeitamente uma dentro da outra e com isso começou a sua conversa com o casal. Disse que o bom semeador preparava a terra, tratava-a e depois lançava a semente na esperança de ter uma boa colheita...

Disse ainda que eles deveriam aguardar quinze dias para falar

sobre o assunto com os respectivos pais, mas que não ficassem apreensivos ou nervosos pois ele estaria com eles nesse momento.

Os dias passaram e eu esqueci sobre o que tinha ouvido naquela noite.

O mestre em um sábado me pediu para ir a sua casa, pois ele teria de passar uma série de sinais e ensinamentos que se relacionavam ao grau iniciático que eu estava alcançando na época e assim foi feito.

Naquele sábado maravilhoso, aprendi muitas coisas e pude adentrar aspectos nunca antes imaginado...

Mas o mestre, no intuito de não ser atrapalhado pediu que se alguém o procurasse eu deveria dizer que ele não poderia atender pois os ensinamentos exigiam muito do mesmo e aquele era um momento único.

Para minha surpresa, passado um tempo, bate a porta da casa do mestre o casal de pais e que perterciam ao templo, daquele casal de moços que o Caboclo tinha atendido e eu fui falar com eles. Os pais estavam muito nervosos e chorosos, diziam que tinha acontecido algo muito grave e que eles precisavam falar com o mestre, e conforme foi me pedido eu disse ao casal que não poderia fazer isso devido o pedido do mestre e que assim que ele terminasse eu avisaria.

Subi ao escritório do mestre como uma bala pois lembrei-me da consulta do Caboclo e expliquei tudo a ele. O mestre disse que seria necessário irmos até a casa do casal apesar de não saber muito sobre sua localização, sabíamos que era no Bosque da Saúde e fomos assim mesmos. Depois de muito procurar, achamos o local e adentramos na residência com um certo receio de minha parte pois eu era também muito jovem.

O casal de jovens quando me viram ficaram com os olhos arregalados de surpresa, pois não apenas estava presente o Caboclo como o seu “cavalo” ...

Os pais de ambos choravam e o pai da menina lamentava-se da sorte que ele acreditava não ter.

Isso durou um certo tempo e eu incomodado com tanta falação desnecessária me perguntava por que o mestre não intervia naquela discussão?

Não aguentando mais pedi ao mestre permissão para falar e ele prontamente pediu que eu o fizesse.

Perguntei ao casal que sendo eles um casal espiritualizado, não acreditavam que ao morrer, precisariam de amigos do “outro lado da vida” a recebe-los?

Prontamente me responderam que sim.

Perguntei a eles por que seria diferente para os espíritos que estão renascendo o desejo de encontrar amigos aqui no plano para recebe-los?

Naquele momento fez-se um silêncio e para minha surpresa os casais de pais logo mudaram suas atitudes e começaram a falar que iriam arrumar moradia, trabalho e que tudo iria acabar bem...

Quando saímos de lá o mestre falou-me que naquele instante tinha acabado de receber a autorização para fazer o meu rito de iniciação, pois estaria fazendo para mim em nome do Caboclo 7 Ondas.

Com isso pude ver a seriedade que deve ser tratado a iniciação e a relação mestre e discípulo, tendo o mestre possibilitado minha atuação naquele momento da vida daquelas pessoas.

Hoje o fruto da sementeira é uma linda moça que já está casada e eu ganhei mais alguns amigos.



ENTENDENDO OS CONCEITOS DE ARQUÉTIPO, MITO E SÍMBOLO - por Mestre Ygbere

(Olavo Solera)

Muitos termos empregados livremente pelo senso comum possuem uma origem acadêmica, ou seja, são conceitos desenvolvidos dentro de disciplinas formais a partir de uma perspectiva “científica”. Por essa mesma razão, esses conceitos possuem delimitações muito claras quanto ao seu emprego e significado. Alguns dos conceitos psicológicos mais utilizados vulgarmente são os de Arquétipo, Símbolo e Mito. Símbolo e Mito são conceitos empregados em várias disciplinas acadêmicas como Antropologia, Filosofia, História, Sociologia, etc.

Na Psicologia os conceitos de Símbolo e Mito recebem determinações e explicações diferentes em função da abordagem teórica. Mas, em geral, o uso (muitas vezes indevido e deturpado) que se faz desses conceitos no senso comum, deriva das interpretações dadas pela Psicologia. Em particular, essa apropriação pelo senso comum das interpretações psicológicas dos conceitos de Símbolo e Mito, quase sempre remetem à Psicologia Analítica criada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Isso se dá em especial, pelo fato dos conceitos de Símbolo e Mito estarem na maioria das vezes associados ao Arquétipo, esse sim criado pelo próprio Jung. Tais conceitos são tomados como recurso auxiliar de explicação da experiência subjetiva humana nas mais diversas formas, mas poucas vezes atribuem-lhes o sentido original em que foram concebidos por Jung.

Então para que possamos entender do que tratam esses conceitos numa perspectiva junguiana, é



bom partirmos do raciocínio que permitiu a elaboração dos mesmos.

Começando pelo Arquétipo. Imagine-se como um(a) integrante de um dos primeiros grupos de humanos sobre a Terra: 70% do que você come, do que te mantém vivo, inclusive a água vem da terra, a coleta de raízes e frutos vem especialmente das florestas. Quanto aos outros 30% da sua alimentação que é a caça, também vem indiretamente da terra. Todos os animais precisam de água, além do que, os animais carnívoros se alimentam em grande parte de animais herbívoros que se alimentam de vegetais (como nós dos bois e os leões dos cervos). Além do alimento os animais também podem te conferir abrigo e aquecimento através de suas peles. Os animais também podem te oferecer adornos e enfeites por meio de suas penas, chifres e ossos e com isso você pode se tornar mais atraente e garantir a conquista de parceiros e a reprodução/sobrevivência da espécie humana. Logo, podemos ver que o ciclo da vida está intimamente ligado a terra.

Agora, imagine que uma mulher do seu grupo pré-histórico deu a luz! Bom, para começar o nascimento da criança foi anunciado pela água

(o estouro da bolsa), ao nascer a criança é alimentada no seio da própria mãe, cujo corpo também mantém a criança aquecida. Ora, você pensa: “a mulher é tal e qual a terra, ela dá a vida. A mulher provê alimento, água, aquecimento e proteção para seu filho, da mesma forma que a terra faz conosco”. A associação é imediata e faz todo sentido, não é mesmo?! Pois bem, aqui temos configurado o Arquétipo da Mãe!! Ou seja: a idéia/imagem/vivência/experiência de que há uma fonte nutritora e protetora que nos garante a vida é representada por esse Arquétipo.

Tudo o que se relacionar a vida, seu surgimento e recursos para sua manutenção, se encontrará representado por imagens representativas desse Arquétipo. Sendo assim: a Floresta, a Água, a Terra, a Mulher em idade reprodutiva, grávida e em aleitamento e tudo o mais que você possa usar para expressar a idéia de Terra-vida serão Símbolos do Arquétipo da Mãe. Nesse sentido os Arquétipos seriam a matéria-prima psíquica e afetiva através da qual nossos antepassados atribuíram significado à experiência humana de interação com o mundo, experiência essa cujas raízes remetem

a condição biológica da própria espécie. O Arquétipo então, seria a matriz, a fonte, que coordena a formação dos elementos que estruturam a nossa psiquê, os Símbolos.

Dessa forma, o Símbolo não é uma criação literária ou uma invenção pessoal, mas uma propriedade subjetiva da condição humana e todo pensamento e toda ação consciente que temos, seria uma consequência do processo inconsciente de simbolização de um evento vivido. Por essa razão o Símbolo é o veículo de comunicação entre a psique individual e o inconsciente coletivo – entre o inconsciente e o consciente – aonde os Arquétipos ganham forma.

Bom, mas aí você e o seu grupo pré-histórico ainda não conhecem a escrita, não há como vocês registrarem essa grande descoberta que vocês fizeram sobre a ligação entre a Terra, a Mulher e a Vida. E embora essa experiência esteja simbolizada ao nível do inconsciente, vocês não têm consciência disso. Em especial, porque é característica do Símbolo que sua vivência se expresse por meio de um pressentimento, um sentimento, um sentido, algo afetivo que nos revela um significado que antes

era desconhecido. É o símbolo que nos orienta para conteúdos psíquicos desconhecidos, levando-nos assim ao encontro dos Arquétipos que habitam no inconsciente.

Então o que vocês fazem para assegurar que esse conhecimento do mundo e da vida seja transmitido aos seus descendentes? Vocês contam histórias!

Para quem não conhece a Biologia e os mecanismos genéticos de reprodução, a vida pode ser vista unicamente como um acontecimento mágico e divino. Logo, esse acontecimento mágico é com certeza presidido por uma Deusa e por um Deus – assim como o nosso nascimento é presidido pelo encontro entre um macho e uma fêmea. Com esse conhecimento adquirido, as histórias do seu grupo pré-histórico vão ganhando um colorido todo especial, elas se desenvolvem a partir da percepção da presença divina em suas vidas – ou seja, da presença de algo que transcende a capacidade humana de explicar os fenômenos vivenciados pelo grupo. Então, as histórias contadas por você e seu grupo são histórias da vida dos deuses, mais do que isso, são histórias que falam da presença dos deuses e do mundo sobrenatural em nossas vidas, essas histórias são os Mitos.

Os Mitos são relatos expressivos de tempos imemoriais, de acontecimentos, vivências e fenômenos cuja origem se perde na memória da humanidade.

Com sua narrativa simbólica os Mitos contam histórias de um tempo em que não havia História, um tempo em que a experiência humana não podia ser registrada pela escrita ou pela fotografia. O tempo histórico do Mito é o tempo da luta humana para fixar-se como espécie sobre a face da terra e por isso mesmo um tempo heróico e fabuloso em que as forças da

natureza ora eram vistas como ameaças devastadoras, ora eram vistas como recursos essenciais à sobrevivência do ser humano. Essas forças indomáveis do mundo natural tinham para nossos ancestrais a invencibilidade do sobrenatural, ou seja, daquilo que se sobrepõe à própria natureza e que é maior e melhor do que ela e, por isso mesmo, a única coisa capaz de gerá-la e expressá-la: os deuses.

O impulso de nossos ancestrais para criar Mitos, é a ação na qual todas as relações entre o ser humano e o mundo ganham sentido e assim o que antes não tinha significado passa a ter.

Segundo Jung, os Arquétipos: “não são idéias herdadas, mas possibilidades herdadas”. Sendo assim, os Arquétipos não seriam determinados quanto ao seu conteúdo mas apenas quanto à sua forma. Logo, já que o Mito é mais que apenas uma recordação ancestral de situações naturais e culturais, ou uma elaboração fantasiosa sobre fatos reais, eles seriam uma expressão simbólica dos sentimentos e atitudes inconscientes de um povo. E a medida que a humanidade vai passando por novas experiências, adquire novos conhecimentos e novas habilidades, os Mitos se transformam e novos Símbolos passam a exprimir as imagens contidas no Arquétipo primordial. Com o advento da agricultura, por exemplo, os grupos humanos descobriram que era possível “manipular” a terra, tratá-la e cuidar de forma que ela nos respondesse com mais e mais frutos. Mitos como o de Deméter, uma das principais representações do Arquétipo da Mãe, são típicos de uma sociedade agrícola.

Outros Mitos representativos da Mãe, como Hécate por exemplo, falam de um outro aspecto da descoberta da possibilidade

de “manipulação” da terra que é a Magia. Em sociedades primitivas como a dos Bosquímanos do Kalahari na África, que são sociedades essencialmente de coletores-caçadores, a Magia não tem a força que tem nas sociedades agrícolas. Ora, a agricultura traz em si a idéia de que é possível “negociar” com a Terra (Deusa-Mãe), pela obtenção de seus frutos, é possível agradá-la! E o que é a Magia, se não uma “negociação” com os deuses para obtermos os seus frutos.

Os antigos gregos invocavam Afrodite – oferecendo-lhe os elementos por ela presididos – a rosa e o perfume (a semelhança dos ritos a Iemanjá afro-brasileira) – para dela obter beleza e amor. Invocava-se Ares oferecendo-lhe carneiros em sacrifício, para dele obter energia, iniciativa, coragem, etc., atributos desse deus. Nas comunidades agrícolas do interior de países cristãos como o Brasil, as moças casadoiras aprisionam a imagem do Santo Antônio para que ele lhes provenha um marido e garanta assim a própria libertação. Na aridez do sertão, procissões de flagelados pela seca seguem carregando pesadas imagens santas e se comprometendo com novenas e missas para obter chuva. Nos templos neo-pentecostais das cidades brasileiras, multidões de fiéis bezuntam-se em óleos e purificam-se com fogo e sal grosso na crença de invocarem a proteção do espírito santo, enquanto deixam como oferenda seus salários e últimos trocados. A jovem estudante universitária adentra uma loja de produtos esotéricos e compra um incenso que, na visão dela, trará a harmonia dos elementais do ar ao ser aceso em sua casa...

...Do ponto de vista psicológico, todas as atitudes descritas acima pautam-se no pensamento mágico, cuja origem histórica nos remete



a descoberta da agricultura pela humanidade e sua consequente descoberta de poder cuidar/agradar a terra (os deuses), e com ela poder negociar para garantir a própria sobrevivência. Os frutos que queremos dos deuses pode ser uma boa colheita ou mais intuição, proteção ou cura, um marido ou dinheiro, e para isso nos pomos a “agradá-los” e com isso tentamos “negociar”.

É importante que todos entendamos bem uma coisa: os antigos caçadores possuíam suas formas de reverenciar divindades, mas quando se fala na associação entre Magia e sociedade agrícola, estamos falando da elaboração de rituais complexos, de estabelecer hierarquias de culto com figuras sacerdotais, etc., estamos falando da prática mágica como sistema de culto religioso ou similar. Isso é característico do período de surgimento das sociedades agrícolas e aparentemente está muito ligado à descoberta de que é possível “negociar” com a terra, que é a idéia básica do processo agrícola. As mudanças culturais e históricas mudam o perfil dos Mitos, de uma certa forma isso é um processo inconsciente que ocorre para que possamos continuar acessando o Arquétipo no nosso imaginário

de forma a permitir que símbolos antes desconhecidos continuem a dar significado às experiências vividas e a ordenar o conteúdo de nossa psiquê.

Através do Mito trazemos a divindade para junto de nós, simbolizamos a força desafiadora da natureza representada pelos deuses em estórias nas quais a estabilidade do universo está atrelada à própria origem e manutenção da vida. Por meio dos Mitos percorremos o caminho simbólico que nos dá acesso ao conteúdo arquetípico em nossa psiquê e que expressa os anseios humanos de transcender os desafios da sobrevivência cotidiana que são da ordem da natureza/biologia. Adentrar o plano sobrenatural – esse espaço simbólico que suplanta a invencibilidade das necessidades impostas ao homem pelo mundo natural/biológico – é aproximar-se do divino, é partilhar com os deuses de sua capacidade criadora que não apenas desafia as forças da natureza como é sua própria fonte geradora.

Quando um ser humano realiza um grande feito, quando ele se iguala aos deuses, é porquê ele superou as adversidades de sua própria condição humana ao enfrentá-las bravamente, e quando isso

acontece ele se torna uma Lenda! Se o Mito é a narrativa simbólica de como os deuses atuam no mundo e dão origem a toda vida a partir de sua própria gênese; a Lenda (e também os Contos de Fadas), narra os caminhos percorridos pelo humano para superar sua condição de origem animal e assemelhar-se ao divino.

Tanto o Mito quanto a Lenda oferecem recursos simbólicos de acesso a psiquê mais profunda (Inconsciente Coletivo) e ao mundo arquetípico. A Lenda porquê nos lembra de nossa condição animal (biológica/mortal/limitada), e do papel dos instintos nas nossas relações com a natureza. O Mito por não nos deixar esquecer de nossa capacidade criativa que dá significado ao mundo e celebra o que há de divino em nós. Mito e Lenda, tanto um quanto a outra nos colocam em contato com os conteúdos do Inconsciente Coletivo, o espaço imaginário em que os Símbolos ganham vida pela soma dos instintos biológicos e de seus correlatos psicológicos, os Arquétipos.

**Angelita Viana Corrêa Scárdua é Psicóloga Clínica; Mestre em Psicologia Social pela USP (SP); Especialista em Abordagem Junguiana; em Neurociências e Comportamento e Professora Universitária*



ERVAS NA UMBANDA INICIÁTICA **ARRUDA - por Mestra Obaositala**

(Jociane Negrão)

Este é o início de nossa aventura em busca do conhecimento sobre as Ervas na Umbanda Esotérica/ Iniciática.

O desafio é grande, e nos propomos a enfrentá-lo.

Em cada edição desta revista, traremos uma erva utilizada em nossa ritualística.

E aos poucos, abordaremos os aspectos importantes para nós e para o atendimento público e individual.

Chamo a todos os simpatizantes da Umbanda! Venham beber desta fonte! E juntos galgaremos os patamares do conhecimento sagrado, velado a poucos, e tornaremos mais acessível os benefícios da Sagrada Mãe Terra!

Eu inicio este texto com uma antiga oração utilizada por nossas belas e abençoadas Benzedeiras, as Sagradas Curadoras do Mundo, guardiães do Conhecimento Ancestral, trazido por suas mães e avós, e cuja missão é transmitir às gerações vindouras os Segredos da Mãe Terra e de nossa ligação com este planeta.

“Deus te viu, Deus te criou, Deus te livre de quem para ti com mal olhou. Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo a Virgem do pranto, quebrai este quebranto!

Eu te benzo pelo nome dos que te puseram na pia, em nome de Deus e da Virgem Maria, e das três pessoas da Santíssima Trindade, eu te benzo!

Deus nosso Senhor que te cura!

Deus que te acuda nas tuas necessidades.

Se teu mal é quebranto, mal invejado, olhos atravessados ou qualquer outra enfermidade!

Se te deram no comer, no beber, no sorrir, no zombar, na tua formosura, na tua gordura, na tua postura, na tua barriga, nos teus ossos, na tua cabeça, na tua garganta, nas tuas lombrigas, nas tuas pernas! Que Deus Nosso Senhor que há de tirar, vem um anjo do céu, deita no fundo do mar onde não ouça galinha e nem galo a cantar!

Com dois puseram, com três eu tiro.

Com as três pessoas da Santíssima Trindade,v

que tira quebranto e mau-olhado, pras ondas do mar, pra nunca mais voltar!

Com dois puseram, com três eu tiro.

Com as três pessoas da Santíssima Trindade,

que tira quebranto e mau-olhado, pras ondas do mar, pra nunca mais voltar!

Virgem Mãe da Conceição!

Mãe do poderoso Deus!

Tirai este mal, este quebranto do corpo de...

Deus te fez, Deus te criou. Deus perdoa, a quem mal te olhou. Em louvor à Virgem Maria, Padre Nosso e Ave Maria!

Mal do ar, mal do mar, mal do fogo, mal da Lua, mal das estrelas, mal do ponto do meio-dia, mal do ponto da meia noite. Se estiveres com quebranto, mau olhado, feitiçaria e bruxaria, que em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado para as ondas do mar sagrado e lá desapareça!”

E de posse do caminho trino, todas essas orações eram auxiliadas por um ramo de erva, como agente

efetivador e ativador da cura. E nossas queridas Benzedeiras, rezando e benzendo, aliviaram muitas dores e sofrimentos neste plano.

Por meio de seus Anjos da Guarda, seus Mestres e Guardiões, guardaram a história, velando em suas palavras simples e gestos modestos, segredos profundos de um tempo imemorial, da Aurora da Humanidade, onde as Ervas eram as senhoras da Saúde ou da Doença, da Cura ou da Morte, do encontro do Profano com o Sagrado.

Na simplicidade de suas mãos, transportaram séculos após séculos, um conhecimento ainda desprezado e relegado à periferia da Ciência Baseada em Evidências. A mesma Ciência que busca na Natureza a fonte de seus produtos farmacêuticos, explorando-os e produzindo riqueza para poucos, distanciando a cura dos mais pobres, produzindo instrumentos para a perpetuação da doença, em um ciclo vicioso de doença-consumo, que nos envergonha e entristece.

São os interesses escondidos nos bastidores da geopolítica mundial que ditam as regras. E vemos dia após dia, crescerem as perseguições ao conhecimento popular, rotulando-os como credices, como atraso ao progresso da nossa espécie, transformando essa fonte gratuita de saúde em fonte perigosa, despertando desconfiância e medo naqueles que mais se beneficiariam dele. São momentos difíceis para o Conhecimento Popular.

Somos então, os depositários deste conhecimento, que em vias de extinção, renasce nos Terreiros/Templos. Pela via do Sagrado, vai sendo preservado e fica à disposição de todos que dele necessite.

Cabe a todos nós buscarmos

conhecer, utilizar e transmitir esse conhecimento às próximas gerações, garantindo que o Sagrado não se perca nos torvelinhos destes tempos sombrios. Honremos nossas queridas Benzedeiras, Sagradas Sacerdotisas da Mãe Terra.

Desde a pré-história, os homens passaram a utilizar folhas, frutos e raízes. Não há um só povo que não tenha conhecido homens e mulheres corajosos, sábios na arte de curar, denominados feiticeiros, xamãs ou pajés. Dos Templos Egípcios, aos Templos de Esculápio Grécia, à Medicina Moura (Galeno e Avicena na Europa Islamizada). Sem falar nas tradições orientais, como os Bon, o Vedanta, o Hinduísmo, o Taoísmo, e a Tibetana... Há manuscritos datando 5.500 anos, uma verdadeira humilhação para a Medicina Moderna, tão arrogante quanto jovem. Portanto, diante da imensidão de conhecimento, quanto temos a aprender?

E como interagimos com a Natureza? Como as ervas conseguem nos envolver?

Nós somos frutos do meio.

A Natureza moldou em nós a teia que nos envolve em todo seu ecossistema. E a evolução da nossa espécie foi selecionando os sentidos mais afinados com as condições necessárias para o desenvolvimento de nosso corpo. Esses sentidos nos ligam de forma afinada ao campo energético da terra. Visão, Paladar e olfato, audição e tato.

A mobilização conjunta de energia e da mente para curar sempre foi o centro da Medicina Oriental (Medicina Tradicional Chinesa, meditação, visualizações budistas, artes marciais, Tai Chi, judô, ioga, medicina energética, etc). O ocidente está atrasado.

Nós começaremos com as Ervas de Oxalá, as ervas solares. O sumo dessas ervas é utilizada para fixações e amacys de “cabeça” dos discípulos do templo.

São elas:

A: Arruda, Jasmim (folhas ou flores), Alecrim de jardim.

B: Maracujá (folhas ou flores), Erva Cidreira, Hortelã.

C: Laranjeira (flores ou folhas), Levante (folhas), Girassol (folhas ou flores).





ARRUDA

Nome científico: *Ruta graveolens* L.

Família: Rutaceae

Origem: Região mediterrânea

Parte usada: parte aérea.

Nome Litúrgico: Atopá kun.

Uso:

Candomblé

Umbanda Popular

Umbanda Esotérica

“É um subarbusto que mede cerca de 1,15m de altura, com espessa ramagem. A cor das folhas é resultante de um misto de verde e azul, o que lhes confere uma bela coloração. São alternas e pecioladas, em 10-11 lóbulos estreitos e desprovidos de pelos; flores miúdas e amareladas em graciosos cachos, que exalam, bem como todas as outras partes da plantas, um cheiro desagradável; fruto dividido em cinco compartimentos que guardam as sementes.” (Cruz, 1965: 121)

É uma planta de fácil cultivo, gostando de solo mais seco e pobre. Não gosta de cuidado, devendo ser plantada e deixada de lado.

Nomes populares:

arruda-domestica, arruda dos jardins, ruta de cheiro forte.

Usos na região de origem:

Dioscórides, médico dos exércitos de Nero, que viveu na Grécia no sec. I a. C., já apregoava os valores mágicos da arruda quando dizia que a planta tinha grande força contra os espíritos malignos e contra toda sorte de feitiçarias. Acrescentava ainda, que a arruda plantada debaixo de uma figueira cresce mais viçosa e mais doce devido a grande amizade entre as duas.

A arruda se difundiu pela Europa até ao norte e transpôs os Alpes. Era comum seu cultivo nos claustros por sua fama anafrodisíaca. Era recomendada aos religiosos que para manterem a castidade, usassem constantemente a arruda nos alimentos e bebidas (Font Quer, 1978: 429).

Na África, usa-se a folha machucada contra a dor em cavidade dentária, e orelhas. A infusão ou tintura das folhas, tido como hipnótico, é dado para adultos que sofrem de problemas respiratórios e cardíacos. Em Transvaal, um tipo de mel com folhas de arruda é usado para asma e as folhas

machucadas, em icterícia, e diarreia infantil. Na Tswana e Quênia, a decocção da planta, em altas doses, é usado em situações de parto. Com relação a isso, notar que:

a) uma decocção quente é bebida para promover a menstruação e, em altas doses, para induzir a expulsão do feto.

b) ao longo da costa do Mediterrâneo, essa planta é usada em dismenorrea.

c) Na Índia e na Nigéria, a planta é usada como emenagogo (Watt & Breyer-Brandwijk, 1962: 922).

Usos em rituais Afro-Brasileiros

Bastide (1973:211) menciona a arruda como um dos elementos africanos utilizados pelos negros contra o mau olhado, acrescentando: “ainda hoje encontramos, nas fazendas, negros velhos que nunca deixam de trazer um ramo de arruda atrás da orelha”. O mesmo autor (p. 224), em seu trabalho sobre a macumba paulista, registra a presença da arruda junto a palma benta, guine, balsamo, alecrim, cabeças de alho, sal e algumas brasas usados para defumar o paciente, “10 vezes no peito, 19 vezes dos lados, 7

vezes no rosto, recitando preces católicas e espiritas; em seguida, coloca o prato ainda fumegando sobre os joelhos do paciente e lhe dá um ramo de arruda, que deve enrolar 3x nas mãos, cheirar e guardar depois no bolso do paletó”. Aconselha ainda, o paciente trazer sempre consigo um pouco de arruda. Outro benzedor citado por Bastide (p. 234) “benze-se com um crucifixo e com um ramo de arruda, isso para ficar neutro aos males que vai retirar do doente”.

A arruda esta relacionada entre as plantas usadas na Casa das Minas em São Luís do Maranhão, conforme Fichte (1985:245). Também, Figueiredo (1969:101-122) apresenta a arruda entre as plantas aromáticas na preparação de amacis das casas de cultos afro-brasileiros em Belém do Pará.

No Catimbó e Pajelança, conforme Bastos (1979:202), a arruda esta presente nos banhos de cheiro usados para purificação e defesa.

Decelso (1973:142) apresenta um ponto cantado do Caboclo Arruda: “ fui buscar no meu Conga, que deixei lá na Aruanda, já chegou o Caboclo Arruda. Tem sempre boa vontade, andam por toda parte, espalhando a caridade. As falange do Arruda, são de força e ação, do nosso Pai Oxalá, elas tem a proteção”.

Na Umbanda Esotérica, Mata e Silva (1999) coloca o uso da Arruda para o Orixá Oxalá. Isso também é corroborado por Mestre Arhapiagha (1989, p. 177): “ as ervas mais afins a Vibração de Orixala são aquelas que recebem mais diretamente as influências solares, absorvendo suas energias específicas (o chamado eletromagnetismo, o prana – energia vital- e a kundalini – despertador vibratório de níveis conscienciais)” .

Discussão

A poderosa Arruda é uma das ervas mais utilizadas na Umbanda.

É considerada uma erva quente e agressiva, por seu poder de limpeza.

Pode ser utilizada fresca ou seca, em banhos de limpeza, para amacis, para bate folhas, para proteção contra energias negativas, para passe no consulente (benzimento), para feitura de tinturas, garrafadas e poções.

Nossas queridas entidades, em seus trabalhos, a utilizam e preservem aos seus consulentes.

Seu valor é inquestionável. Mas, é toxica. Por isso, todo cuidado é pouco ao ingerir até mesmo uma folha. Deve ser evitada a ingestão para gestantes.



A UMBANDA INICIÁTICA (ESCOLA INICIÁTICA DA UMBANDA) – A NEUTRALIZAÇÃO DO FUNDAMENTALISMO ENDÓGENO PELA VIVÊNCIA CONSCIENCIAL PLENA DO ABSOLUTO

- por Kaananty

(Guilherme Pontes)

Tanto em Rivas Neto (1996 a 2003), quanto em Olavo Solera (2018 até hoje), a vivência da umbanda é denominada iniciática, por se basear na Doutrina do Tríplice Caminho Uno trazida por Mestre Orishivara (caboclo Ogum 7 Espadas), através dos canais mediúnicos de Mestre Arhapiagha. Ambos os sacerdotes levaram ao

grande público suas práticas seja pelas obras, havendo farto material na internet [1].

Entender a Umbanda Iniciática como uma real e legítima escola afro-brasileira [2] própria, ou seja, composta por uma narrativa mítica própria que constitui seu corpo doutrinário (epistemologia), linha de transmissão da raiz (método) e estilo de vida próprio (ética) que não está em oposição às demais práticas umbandistas, permite evitar certos equívocos na pesquisa sobre este universo religioso.

A escola iniciática da umbanda, enquanto expressão religiosa afro-brasileira, é centrada na oralidade e tem a sua contínua existência, continuidade, dinamicidade, releitura e atualização, por meio da linhagem espiritual, uma

linha sucessiva de transmissão de conhecimentos de Mestre para Discípulo através dos tempos.

A forma de transmissão deste conhecimento religioso se dá pela vivência do sagrado na relação direta entre Mestre e discípulo, em um processo chamado de iniciação.

O Mestrado é exercido por meio de um Mestre Espiritual encarnado, bem como por Mestres Espirituais desencarnados, em um trabalho conjunto de orientação e direcionamento do discípulo.

Este Mestre Espiritual com esta incumbência é chamado assim de Mestre de Iniciação, e tem sobre sua responsabilidade cármica a obrigação de acolher, proteger, orientar e direcionar o processo de iniciação de seu discípulo.

Se cabe ao Mestre de Iniciação apontar o caminho, ao discípulo caberá percorrê-lo com os seus próprios esforços. O Mestre não carrega o discípulo “nas costas”. Cabe a ele aprender a caminhar com as próprias pernas e ir subindo um a um os degraus da iniciação segundo seus próprios méritos.

O direcionamento dado ao discípulo observa um duplo aspecto: individual e coletivo. É individual na medida em que não existe uma regra geral. Se considera as especificidades de cada um. A história de vida que cada um traz consigo. Suas qualidades e defeitos. Conquistas e compromissos. Por outro lado é coletivo na medida em que o iniciando integra uma coletividade de santo, a comunidade do terreiro, a sangha constituída por todos os demais discípulos iniciandos. Assim, deve o iniciando se atentar para a postura que deve ter consigo e com seus irmãos, vez que estão todos ligados debaixo da mandala do Mestre de Iniciação.

O processo de iniciação consiste na volta ao início. Por início entende-se a raiz da qual somos todos os frutos, o centro do qual todos emanamos, a essência comum que nos anima, o espiritual. Voltar ao início é nos reencontrarmos com nós mesmos, com nosso verdadeiro eu, o eu “superior”, nossa essência, o espírito.

Trata-se de um processo de despersonalização, de desindividualização, de se despir das máscaras, das “personas” que vestimos, abrindo mão de nós mesmos, do único em favor do uno, até o momento em que nos perdendo no absoluto nos reencontraremos todos, pois somos todos um.

Quanto maior consciência tomamos desta realidade, da unidade consciencial, que nada mais há além do absoluto, mais capacitados nos tornamos para servir ao próximo, anímica e mediunicamente. Se a caridade é o amor em ação, caridade não dispensa capacidade. Não basta amar ao próximo e querer agir buscando o bem coletivo, é necessário saber agir e estar capacitado para este mister, ou seja, agir com sabedoria.

Sabedoria e amor cósmicos, de modo indistinto e incondicionado, são a tradição cósmica rediviva que todos buscam por meio dos processos iniciáticos, que resultam em gradativa: revisão de posturas mediante abandono de antigos vícios e aprimoramento de virtudes, amadurecimento espiritual, elevação do padrão vibratório total do ser, equilíbrio e acréscimo em sua estrutura bioenergética, na expansão de sua consciência, despertar dos sentidos superiores, aperfeiçoamento mediúnico e autocura.

A Umbanda Iniciática é uma escola religiosa que acentua consideravelmente este aspecto. Alguém só pode ser aceito na Umbanda Iniciática se o mestre de iniciação permitir por meio de um ritual de ligação, bem como realizar os ritos propícios do despertar consciencial subsequentes.

O Mestre de iniciação só aceita o discípulo se for constatada a predisposição deste a caminhada iniciática. Nenhuma pessoa é inserida em uma caminhada sem ter condições de caminhar, ou seja, é necessário que a pessoa que pretende seguir este caminho já traga consigo a condição de enveredar

por este caminho, a bagagem de experiências e vivências em outras vidas que lhe capacitará nesta presente jornada a ser aceita e dar continuidade a este processo.

De modo que a iniciação é uma jornada que transcende não só esta vida, mas a própria dimensão grosseira da matéria em que nos encontramos. A iniciação não cessa com o desencarne, nem com o reencarne. É um processo ininterrupto de aprendizado e retorno consciencial à origem.

Aceito pelo Mestre de Iniciação e vinculado à Ordem Iniciática, quando estiver pronto, é o discípulo iniciado com a coroa de espinhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, de amor e renúncia, momento em que deve negar a si mesmo, tomar a sua cruz, jurar fidelidade total e irrestrita a YShVa-Ra, e trabalhar em sua seara com alegria, amor, desprendimento, seriedade, comprometimento e disciplina.

O aprendizado se dá por meio do trabalho, o que exotericamente se chama a prática da caridade, que vai muito além da mera assistência material, financeira, afetiva, moral, emocional, psíquica, enfim. O iniciado passa a entender que quanto



mais ajuda ao próximo, mais ajuda a si mesmo. Que ao iluminar uma vela em favor de alguém, o primeiro iluminado com sua luz é ele próprio. Que este é o caminho por meio do qual atingirá a paz.

Nos processos iniciáticos o discípulo por meio sempre das mãos do Mestre de Iniciação gradativamente ordena o caos interior e, a partir da harmonia surgida, ilumina o seu ser no que é chamado de a via de despertar da luz crescente. Ao se iluminar se capacita a iluminar seus próximos. Compreende, pois, que a capacitação, o aperfeiçoamento, passa, necessariamente, pelo trabalho, disciplina, amor e renúncia de si mesmo. Só negando a si mesmo conseguirá se tornar senhor de si.

Assenhoreando-se da sua vida, da sua existência, dos seus corpos, do seu destino, na medida em que amadurece e cresce no conhecimento da realidade espiritual, mais conhecimento possui das Leis que regem o cosmos, a vida, morte e o destino das criaturas, bem como das Potestades Espirituais que as presidem, portando-se em conformidade com a sua vontade, o seu desejo e o seu querer.

O filho passa a honrar o seu pai ao fazer aquilo que o agrada, vez que está em comunhão com ele, ou seja, comungando dos mesmos pensamentos, sentimentos e ações de seu Mestre, no que chamamos de Yoga umbandista, até o momento máximo em que se tornam uma só consciência, de modo que quem vir o filho verá o pai, e quem vir o pai verá o filho, porque o filho está no pai, assim como o pai está no filho.

De modo que a linha de transmissão do conhecimento na Umbanda Iniciática varia durante a caminhada iniciática do discípulo, dos aspectos metodológicos mais grosseiros ao mais sutis, a depender do grau

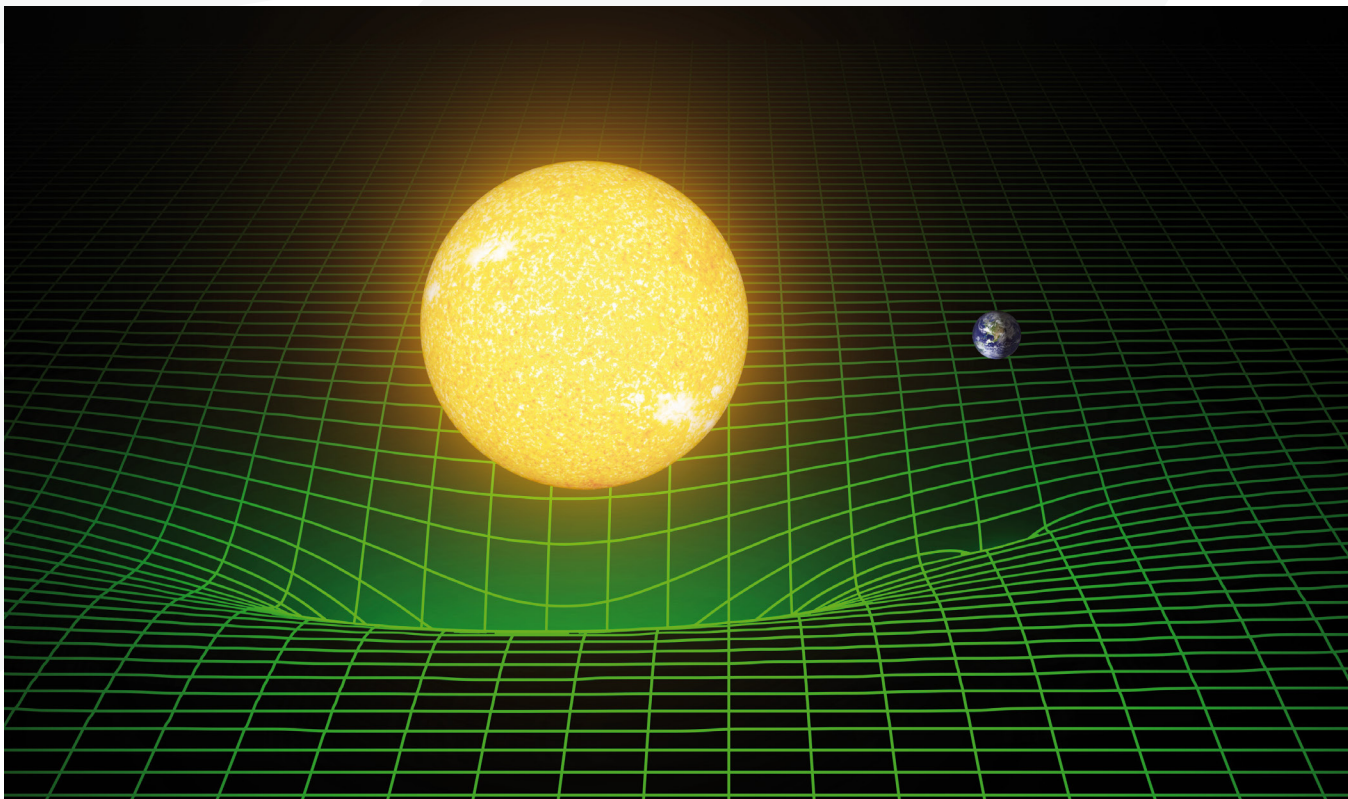
consciencial por ele alcançado.

Em um primeiro momento existe um distanciamento do discípulo para com o seu Mestre, e a linha de transmissão reflete esta condição consciencial e comportamental grosseira, sendo, pois, externo (com relação ao discípulo), mas sempre interno quanto ao local em que é ministrado, ou seja, o interior do Templo, da boca do Mestre ao ouvido do discípulo.

Em um momento posterior de amadurecimento e crescimento na iniciação, o Mestre vive dentro do discípulo de modo que não mais existe distância entre eles a ser percorrida, logo o ensinamento é interno (novamente quanto ao discípulo), ou seja, o processo de transmissão do ensinamento se opera em seu íntimo nos mistérios devocionais dificilmente traduzíveis em palavras porquanto demandam antes ser vivenciados.

Esse conhecimento é assim na Umbanda Iniciática transmitido por meio da Tradição Oral de Mestre para discípulo, de pai para filho, de geração em geração, constituindo uma linhagem. Atualmente, a linhagem se encontra em sua quarta geração, vez que se originou com o Mestre Yapacani (1ª geração), o qual iniciou Mestre Arapiaga (2ª geração), o qual iniciou (entre outros mestres) Mestre Ygbere (3ª geração), o qual iniciará seus discípulos se forem dignos (4ª geração).

A linha de transmissão da Umbanda Iniciática por ser baseada na Tradição Oral não engessa a sua doutrina. Ao contrário. Sua base epistemológica é revista, atualizada, revigorada, na medida em que seus adeptos conquistam uma melhor e maior compreensão e vivência da realidade que é o espiritual.



O UNIVERSO DA ENERGIA – PARTE II - por Yabatsara

(Gustavo Vieira)

Espaço, Tempo e Gravidade

Continuando o artigo iniciado na última edição, voltemos aos recentes entendimentos da Ciência atual sobre determinados eventos cosmológicos.

A Teoria da Relatividade nos explica que a gravitação é o efeito resultante do encurvamento ou deformação do continuum espaço-tempo pela presença da matéria. Define-se assim o espaço como um gigantesco tecido elástico espalhado sobre uma superfície com ligeiras ondulações ou bolhas.

Einstein, na elaboração desta teoria, descobriu que é possível tratar matematicamente o tempo como apenas mais uma dimensão, juntando-o às três dimensões espaciais

(altura, largura e profundidade) num plano espacial-temporal em quatro dimensões.

Descobriu também que a presença de objetos com massa ocasiona uma curvatura no espaço-tempo: quanto maior a massa, maior a curvatura, ou seja, maior a distorção no “tecido” do tempo e do espaço. E esta curvatura acontece em todas as direções.

Podemos concluir então que, por exemplo, no Sol o tempo flui mais devagar do que na Terra, por esta ter massa bem menor do que a do nosso Astro-Rei.

Em suma, o Universo Astral é ditado pelo que há nele: a massa diz ao espaço-tempo como se curvar, e o espaço-tempo diz à massa como se mover.

Energia e Matéria Escura

Já sabemos que os átomos compõem tudo o que é conhecido como matéria física-densa: os

planetas, as estrelas e até os nossos corpos físicos. Mesmo assim, para a Ciência, tudo isso representa apenas 5% de todo o Universo. Os outros 95% de toda a matéria que constitui nosso Universo provavelmente é feita de algo que não conhecemos e que não conseguimos observar de forma direta.

Além disso, um terço de toda essa matéria desconhecida não interage eletromagneticamente, ou seja, não é capaz de emitir ou absorver qualquer tipo de radiação. Podemos também descartar a antimatéria, pois não foi identificada neste elemento misterioso a radiação gama originada quando uma partícula de antimatéria se choca com uma partícula de matéria – e que ocasiona a aniquilação de ambas –, o que libera uma grande quantidade de energia.

Este enigma é o que os cientistas terrenos chamam de energia escura e matéria escura.

Desde que o astrônomo Edwin Hubble fez suas observações por volta de 1930, sabemos que nosso Universo está se expandindo. Porém, de acordo com Einstein, a matéria contida no Universo tende a desacelerar essa expansão. Isso ocorre porque a expansão do Universo, que tenta aumentar a distância entre dois pontos no espaço, deve lutar contra o efeito da atração gravitacional da matéria que ele contém, o que tende a aproximá-los.

No final do século 20, os astrônomos tentaram medir essa taxa de desaceleração de expansão usando observações de supernovas em galáxias distantes, e os resultados foram surpreendentes. A expansão do Universo não está em desaceleração. Pelo contrário, ela está se acelerando. As distâncias entre galáxias longínquas estão aumentando em uma taxa crescente.

Entretanto, a aceleração da expansão do Universo não pode ser explicada, no contexto da relatividade geral de Einstein, sem a existência de uma forma desconhecida de energia, que tem pressão negativa e que neutraliza o efeito atrativo da gravidade, impulsionando a expansão acelerada do Universo.

De fato, a existência da matéria escura foi deduzida a partir de observações astronômicas que indicam que a matéria escura pode interagir gravitacionalmente com a matéria ordinária que forma os planetas, estrelas e galáxias (prótons, nêutrons, elétrons, etc). Tais efeitos gravitacionais não poderiam existir se somente fosse considerada a existência da matéria ordinária, o que levou os cientistas a estimarem que:

- Somente 5% da massa de todo Universo seja constituída de matéria ordinária;

- 25% seja formada por matéria escura;

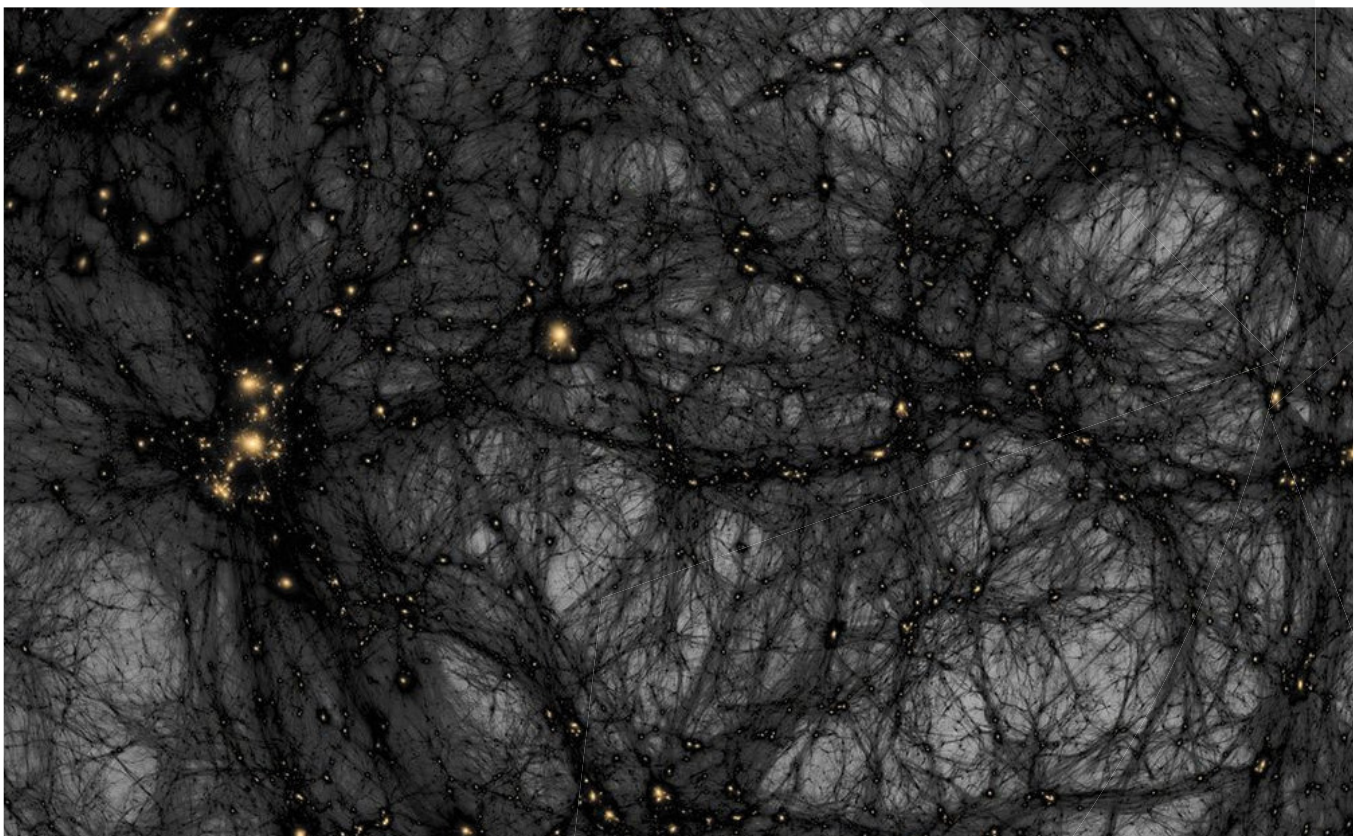
- 70% seja feita de uma forma exótica e pouco compreendida de energia, chamada energia escura.

Supõe-se ainda que a matéria escura seja formada por objetos compactos e supermassivos, como buracos negros primordiais ou partículas hipotéticas como os neutrinos inertes.

Buracos Negros, Brancos e Hiperespaço

As mudanças no tecido temporal-espacial, provocadas pelo aparecimento e desaparecimento das “bolhas” causadas pelos efeitos da gravitação, representam flutuações quânticas na geometria espacial, caracterizando-se por alterações energéticas.

Estas bolhas são, efetivamente, formadas pelos buracos negros e



buracos brancos, cada um dotado de massa positiva ou negativa, que surgem e desaparecem neste tecido espacial. Enquanto um buraco negro é capaz de sugar toda a matéria a sua volta, o buraco branco expelle radiação ao espaço.

Alguns cientistas acreditam que explosões de raios gama – estourros que emitem mais energia em 10 segundos do que o Sol consegue fazer em 10 bilhões de anos – podem vir de buracos brancos. Existe até uma teoria de que o Big Bang era, na realidade, um enorme buraco branco.

Temos ainda um número crescente de pesquisadores que trabalham em teorias sobre múltiplas dimensões do espaço-tempo, além das quatro aceitas atualmente. Trata-se do Hiperespaço. Estas teorias formulariam as lacunas existentes para a Teoria do Tudo de Einstein.

Por mais de meio século os cientistas tentam entender porque as quatro forças primordiais do Universo (gravidade, eletromagnetismo e as forças nucleares forte e fraca) demandam explicações matemáticas tão divergentes. Mas quando estas forças são consideradas como vibrações num hiperespaço com múltiplas dimensões, suas equações passam a se encaixar como se fossem as peças de um quebra-cabeças. Partindo destes estudos, os cientistas passaram a desenvolver uma série de outras teorias, tais como os buracos de minhoca, supercordas, universos paralelos e outras explicações que se complementam na Teoria de Tudo.

Conclusão

Reiteramos que o Cosmo Espiritual nunca foi e nunca será interpenetrado pela Substância Etérica em seus distintos estados ou pelos fluidos cósmicos, átomos, íons, elétrons, grávitons, fótons, quarks,

glúons, bósons e partículas de antimatéria. Isso se dá justamente por ser o Reino Virginal o próprio Vazio-Neutro, o nada absoluto, o adimensional, atemporal e infinito.

Também é importante frisar que, embora o Universo Astral se encontre em constante expansão e que esta expansão tenda ao infinito, seus elementos constituintes, por serem de natureza energético-material, sofrerão inexoravelmente os efeitos do tempo, ou seja, da finitude.

Isto pode ser compreendido pelos princípios, propriedades e fenômenos que determinam a meia-vida dos elementos químicos: ora, se estrelas, planetas e astros são compostos de tais elementos, em determinado momento os mesmos perderão a energia que mantém seus processos de coesão-expansão, além do gradativo esmaecimento da emissão de seus fluxos de radiação, levando irremediavelmente à entropia e ao colapso de seus sistemas constitutivos.

Ou seja, em um futuro muito longínquo, nosso planeta, nosso Sol, nossa Galáxia, todos estes sistemas e subsistemas desaparecerão, ou melhor, se transformarão irreversivelmente em algum momento. A única realidade eterna e indivisível é o Espírito.

KABALA E A DOUTRINA TÂNTRICA – A LUZ CÓSMICA

- por Arapuan

(Wilins Siqueira)

Nas edições anteriores, tivemos a oportunidade de falar em Kabala e a Doutrina Yântrica, o conhecimento relativo aos alfabetos antigos e a Lei de Pemba na Umbanda Esotérica e Iniciática, relatando a jornada dos sinais pré-históricos do Brasil (Baratzil) até o desenvolvimento dos alfabetos perdidos, sagrados e arqueométricos, bem como a relação desses alfabetos com a Lei de Pemba trazida pela Corrente Astral de Umbanda pelo mediunismo de Mestre Yapacani e num segundo momento os desdobramentos e aprofundamentos ocorridos pela mediunidade de Mestre Arhapiagha.

Em Kabala e a Doutrina Mântrica, abordamos o Poder do Verbo Divino, que se concretizou através das Bija Mantras, sílabas sementes, que são manifestações do poder volitivo dos Arashas/Orixás, e sua relação com a unidade sonora não temperada, expressão onomatopaica, cósmica e divina do Abanheenga. Falamos da ímpar visão espiritual de Mestre Yapacani sobre a Coroa do Verbo, o resgate dos significados superlativos recorrentes encontrados na Umbanda e também o aprofundamento iniciático dos mantras trazido por Mestre Orishiwara (Caboclo 7 Espadas) através da mediunidade de Mestre Arhapiagha, que trouxeram um objetivo: proporcionar aos médiuns a autocura dos veículos de expressão, bem como a ligação com o Arasha/Orixá Ancestral e a iluminação espiritual através da vivência da Doutrina do Tríptico Caminho.

Após falarmos da Kabala relativa

à Doutrina Yântrica e Mântrica, doutrinas relacionadas aos eventos cosmogênicos do Movimento e do Som cósmico, chega o momento de introduzirmos os conceitos cabalísticos da Doutrina Tântrica, a Luz que se revela por meio da Sabedoria Humilde.

A Corrente Cósmica do Ombhandhum presente em todos os setores filo-religiosos do planeta, através dos Espíritos Luminares, proporcionou aos seres espirituais no início do Kali Yuga (Era de Ferro), uma arte-técnica, uma luz, um caminho a ser trilhado, capaz de romper no menor espaço de tempo possível os véus da dualidade que geram a ignorância, o ódio e a inação, expressões de recrudescimento consciencial que mantêm os seres espirituais presos as reencarnações probatórias (Samsara).

Não estamos nos referindo ao início do Kali Yuga com alguma data cronológica, como ensinada por algumas filosofias e escolas, mas nos referimos a um momento no espaço-tempo que marcou um instante dentro da humanidade, e a esse momento que nos referimos como Kali Yuga, momento da qual a consciência do homem estava cada vez mais “submersa” na ignorância e nas forças da dualidade ilusória (maya).

A palavra Tantra etimologicamente significa instrumento de tear, urdir e tecer, aparecendo primeiramente como palavra escrita nas antigas escrituras Brâmanes como no Rigveda e no Atharvaveda. O ato de tear é a união do urdume (fio longitudinal) com a trama (fio transversal), na qual constitui o futuro tecido. Essa palavra é usada metaforicamente para designar o ato de tear o tecido da realidade na consciência, em busca da Unidade do Espírito e não guarda nenhuma relação com rituais sexuais grosseiros.





Hieraticamente Tantra é o instrumento da Luz Criadora ou o “Caminho que Conduz a Iluminação Interna e Externa”. Essa doutrina esteve presente em todas as escolas de mistérios da humanidade sob roupagens ritualísticas e litúrgicas de acordo com o espaço-tempo em que foram propagadas e ensinadas pelos Mestres Iluminados.

A Doutrina Tântrica, como dissemos, está revestida sob diversas linguagens ritualísticas e litúrgicas, não se tratando de uma doutrina sectarista ou aprisionada dentro de um segmento, ela possui bases universais, que englobam toda a gnose humana, e pode ser compreendida sob determinadas chaves de entendimento do sagrado.

Uma dessas chaves de compreensão que o Mundo Espiritual nos proporciona é a Kabala, sistema cosmogônico e espiritual que se concretiza-se através de cor, número, som e forma. Aqui falamos da Kabala relativa à energia sutilíssima. A Kabala relacionada à energia mental e seus graus mnemônicos, doutrina com base na Sabedoria Humilde dos pais velhos de Yorimá.

A Energia mental está cabalizada na mnemotécnica dos sinais riscados

das Entidades da Corrente Astral de Umbanda, deixamos claro que todos os níveis de energias podem ou não, estar presentes em tais sinais, tratando-se de energias que se entrecruzam a todo instante em dimensões superiores, mas para fins didáticos correlacionamos esse nível energia sutilíssima(Energia Mental) aos aspectos mnemônicos dos sinais riscados relacionados a Doutrina Tântrica.

Além dos escudos magísticos e da cobertura mento-astral que esses sinais propiciam aos médiuns-discípulos do templo, esses sinais são capazes de afastar energias deletérias ou fixar energias positivas aos veículos de expressão dos médiuns, sendo também, a Lei de Pemba uma arte mnemônica capaz de proporcionar o desenvolvimento consciencial-mediúnico dos discípulos.

A mnemotécnica ou como era chamada pelo gregos, Ara memoriae, era uma técnica ritualística dentro dos Templos Iniciáticos, visando em seu primeiro aspecto a arte da memorização de cânticos sagrados, trata-se de uma tradição fundamental antes da invenção da escrita impressa. Essa arte continuou a ser transmitida pela cadeia

de iniciados da humanidade, da qual no ocidente, a mais conhecida é introspecção de imagens alquímicas, cujo objetivo é a expansão consciencial.

Na Umbanda, a mnemotécnica é trabalhada de diversas maneiras, mas é cabalizada por meio da Lei de Pemba, sinais sagrados que potencializam a luz consciencial e aumentam a percepção da realidade Una por meio da visualização constante.

Os discípulos através da visualização desses sinais por meio do ritual, interiorizam aspectos da Lei Cósmica dos Ciclos e Ritmos vinculados a ancestralidade do Templo, produzindo constante mudanças benéficas, seja elas, mentais, sentimentais ou comportamentais. Essa Potência Divina que se concretiza através do Movimento Cósmico da Lei de Pemba tem o poder de ordenar desequilíbrios causados pela própria ignorância do Ser Espiritual em suas reencarnações, direcionando a psique ao Centro de Autoconsciência do Espírito (Eu Superior), elevando sua consciência e a patamares mais sutis da espiritualidade superior.

Esses antigos Sinais Cabalísticos traçados pelas entidades tem a potência astral e mental de penetrar no inconsciente individual do médium, que capta os rios cósmicos ancestrais do OmBhandHum (Tradição Cósmica) por meio da Mandala Cabalística do Mestre de Iniciação. A mnemotécnica desses sinais somente é ativada através da vivência iniciática com um Mestre Espiritual verdadeiro, que carrega em sua mandala (Ordens e Direitos) que são transmitidas por meio da tradição oral.

Esses são alguns aspectos da Luz Divina, que percorre o interior do médium em relação aos sinais cabalísticos, e que irá

aprofundando, penetrando no “Eró” de sua própria consciência ao decorrer da iniciação, e que se processa numa grande espiral de Ciclos e Ritmos que permeia o Ori, e aprofunda-se ao decorrer do amadurecimento espiritual.

A Doutrina do Tríplice Caminho nos ensina a ser cada vez mais ser receptivos com a interiorização dos sinais cabalísticos, que fazem-nos entrar em sintonia com o Poder Volitivos dos Arashas/Orixás proporcionando-nos sintonizar com a Lei Divina e o aferimento positivo da Lei Cármica.

Essa é a importância de que sinais riscados, cabalísticos e magísticos em sua natureza devem ser transmitidos por um verdadeiro Mestre de Iniciação com Ordens e Direitos de Trabalho e de Fato que possui esse corolário mediúnico perante a Sagrada Corrente Astral de Umbanda, caso contrário o que há de ocorrer é o desequilíbrio de toda ordem material, emocional e psíquica aos médiuns do templo causada pela vaidade e ignorância.

Da mesma maneira que os mantras e os pontos cantados, unidade básica da Doutrina Mântrica evocam as Entidades da Corrente Astral de Umbanda através do Verbo Divino, trazendo o equilíbrio e sintonizando os veículos de expressão em patamares superiores de consciência, o Tantra da Luz crescente, em sua unidade básica, possui os exercícios de concentração, meditação, visualização criativa e oferendas que trazem a Autoconsciência, Autocura, percepção e equilíbrio, livrando-nos progressivamente da ignorância, do ódio e da inação.

A Doutrina Tântrica trazida por Mestre Orishiwara (Caboclo 7 Espadas) e Mestre Arashamanan (Caboclo Urubatão da Guia) pelo mediunismo de Mestre Arhapiagha (F. Rivas Neto) nos ensina a tear

e urdir os tecidos da realidade consciencial, proporcionando ferramentas de elevação da consciência espiritual em busca da Realidade Absoluta, mostrando-nos rotas seguras de luz e clareza para alcançarmos a percepção espiritual dos planos Abstratos de existência (Planos Ariândicos), é a busca contínua do entendimento e da vivência do Amor-Sabedoria, legado ancestral da raça primeva que manifestou o Verbo Solar na Antiga Tradição do Tuiabaé-Cuaá.

A vivência ritualística e templária da Doutrina Tântrica permite-nos adquirir a Autoconsciência do Espírito que é capaz de ordenar e equilibrar os corpos de manifestação (Substância) para termos uma maior percepção da realidade Espiritual enquanto Seres Espirituais vivenciando as experiências do Universo Astral (Existência). A Doutrina Tântrica é o caminho dos Iluminados que buscam transcender a inconsciência em busca da Autoconsciência do Eu Superior (Essência).

As Entidades Ilustres nos ensinam que a fragmentação do Todo, foi causada pela própria ignorância e vaidade do homem, e que devemos nos reintegrar cada vez mais com a Realidade Una. A partir do momento em que compreendermos a separação dos “vários eus”, roupagens e máscaras que a personalidade usa em sua manifestação, estaremos mais próximos da compreensão da vivência da Doutrina do Tríplice Caminho.

Sejamos um “pingo no copo de água” como diria Mestre Yapacani (W.W. da Matta e Silva), para que possamos ser veículos das vibrações cristalinas dessas Entidades Ilustres. Tantra é o Caminho Iniciático para se alcançar a compreensão e vivência superlativa da Divindade e interdependência de todos os Seres Espirituais (Sunyata). É a vivência da Luz Espiritual do Orixás/Arashas, fonte inesgotável de Amor-Sabedoria para sairmos da realidade mítica e adentrarmos cada vez mais na Realidade Cósmica.



SEJA NOSSO PARCEIRO

Prezados irmãos e irmãs! Gostaríamos de poder contar com contribuições de qualquer valor para conseguirmos manter os trabalhos de divulgação da nossa Doutrina e das atividades de nosso Templo. Por favor, ajudem-nos para que nosso trabalho e nossa mensagem cheguem ao maior número de pessoas possível. Agradecemos de coração toda a ajuda recebida.

pix



*Esse é o QR Code para doações via Pix,
de qualquer instituição financeira.*



O.I.T.C.

Ordem Iniciática do Triplice Caminho
Templo do Caboclo Sete Ondas

